

Universidade Federal de Santa Catarina

**CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
DISCIPLINA: ARQ1001 – METODOLOGIA CIENTÍFICA APLICADA (2012/3)
PROFESSORA: DRA. SONIA AFONSO**



TEORIA DO CONHECIMENTO

Johannes Hessen

IV. Os tipos de conhecimento

**Alunas: Aniara Bellina Hoffmann
Clarissa Armando dos Santos
Érica Monteiro
Franciele Fantini
Giseli Zuchetto Knak**

APRESENTAÇÃO DO AUTOR

Johannes Hessen, teólogo e filósofo, nasceu em Lobberich, Alemanha, em 1889; morreu na cidade de Colônia, Alemanha, em 1971 (Figura 1).

A partir de 1921 foi até a sua morte professor de filosofia na Universidade de Colônia.

Durante sua vida publicou cerca de 55 livros, muitos deles com várias edições.

Cerca de 20 livros seus foram publicados no exterior.



Figura 01: Johannes Hessen.

CONHECIMENTO

DISCURSIVO

Observado

Reproduzível

Comprovação

INTUITIVO

Imediato

Intuir valores

Ver além

Ambos têm validade?

1. O problema da intuição e sua história

“Conhecer significa apreender espiritualmente o objeto” (p. 70).

Apreensão → operações mentais → a consciência cognoscente compara o objeto a outros e tira suas conclusões (o pesquisador faz, e o metafísico – essência da alma).

Conhecimento mediato/discursivo (por intermédio/por raciocínio)

Conhecimento imediato/intuitivo (direto/pelo olhar): ←

visão

Ex.: vermelho e verde → percepção imediata: são diferentes;

intuição ou conhecimento intuitivo = visão espiritual

intuição formal (comparação) ≠ intuição material (objeto)

Psiquê humana,
3 fundamentos:

Pensar
Racional/Entendimento

Sentir
Emocional/Sentimento

Querer
Volitivo/Vontade

Psiquê
intuição/cognição

Objeto: 3 aspectos

Ser-assim
(essentia)

Ter-valor

Ser-aí
(existentia)

1. O problema da intuição e sua história

Platão¹: o primeiro a falar do olhar espiritual → intuição (material)

Visão → imediata/intuitiva ∴ ideias percebidas pela razão são vistas espiritualmente.

Intuição Material: entendimento, estritamente teórico e intelectual;

Plotino²: Noûs (espírito divino) → ideias → espírito humano = conhecimento

Intuição = Contemplação divina, racional/mística, entendimento/sentimento.

Agostinho³: Nôus (Deus Cristão) → “visão inteligível da verdade imutável” (visão superior/interior).

Puramente racional, místico e imediato, mas com fundo emocional (intuição religiosa).

Escolástica⁴: oposto à mística medieval de Agostinho, é de orientação intelectual, racional-discursivo.

Séc. XIII → conflito sobre os direitos da intuição e a intuição religiosa.

Agostinismo
Boaventura⁵
Mediato/verdade una

X

Aristotelismo
Tomás de Aquino⁶
Imediato/provado

¹: Atenas 427 - 347 a.C.; ²: 205 - 270 d. C., Licópolis (Egito)/Roma (Itália); ³: norte da África 354 - 430; ⁴: Escolástica Peripatética (Aristóteles);

⁵: 1218, Toscana (Itália)- 15/07/1274, Lyon (França); ⁶: 1225, Roccasecca (Itália) - 7/3/1274, Fossanova (Itália);

1. O problema da intuição e sua história

Idade Moderna:

Descartes¹: "cogito, ergo sum": penso, logo existo. → intuição como forma autônoma de conhecimento. (imediate = intuição material → situação metafísica)

Pascal²: fonte autônoma de conhecimento → intelectual/coração e racional/emocional.

Malebranche³: "Nous voyons toutes choses en Dieu": vemos todas as coisas em Deus (mundo exterior).

Espinosa⁴ e Leibnitz⁵: "a intuição não desempenha qualquer papel especial na teoria do conhecimento".

David Hume⁶: "Tudo que excede o conteúdo de nossa consciência escapa ao conhecimento racional".

Centro de gravidade humano = prática → conhecimento teórico prático = crença (intuitivo-racional). (imediate)

Kant⁷: não reconhece experiências do tipo: apreensão imediata ou visão espiritual (Hessen o compara ao intelectualismo da Idade Média e ao racionalismo moderno: só há o conhecimento racional-discursivo).

Séc. XVIII – alguns assumem o "conhecimento intuitivo no campo dos valores" (p. 73).

Hutcheson⁸: os valores do belo e do bom são apreendidos de modo imediato e emocional

Séc. XIX

Fichte⁹ (Schelling¹⁰): intuição espiritual/intelectual. Eu absoluto → conhece a si mesmo e suas ações.

Schopenhauer¹¹ (kantiano): "se não houvesse outro meio de conhecimento a essência das coisas permaneceria eternamente oculta para nós" (p. 74), mas existe (nisso se distancia de Kant).

Fries¹²: conhecimento: saber, crença e pressentimento (órgão religioso do conhecimento).

Schleiermacher¹³: "religião é sentimento e intuição do universo" (p. 74).

intuitivo
sentido estético
Visão → cores
Moral → valores

¹: 1596, (França) – 1650, (Suécia); ²: 1623 – 1662, (França); ³: 1638 – 1715, (França); ⁴: 1632, (Portugal) – 1677, (Holanda); ⁵: 1646 – 1716, (Alemanha);

⁶: 1711 – 1776, (Inglaterra); ⁷: 1724 – 1804, (Prússia/Rússia); ⁸: 1694, (Irlanda) – 1746, (Escócia); ⁹: 1762-1814 (Alemanha); ¹⁰: 1775 – 1854 (Alemanha);

¹¹: 1788 – 1860, (Prússia/Rússia); ¹²: 1773 – 1843, (Alemanha); ¹³: 1768 – 1834, (Alemanha);

1. O problema da intuição e sua história

Contemporâneos

Neokantismo: assume uma posição de rejeição quanto à intuição. → H. Cohen¹ e escola de Marburgo. intuição = embuste, e nunca poderá ser considerada como instrumento metódico do conhecimento.

"um só método para o único conhecimento" (p. 75). → Rickert² e escola de Baden.

J. Geyser³: intuição racional predominantemente formal, imediata (realismo).

A. Messer⁴: intuição apenas no terreno dos valores (estéticos e éticos), e na metafísica.

J. Volkelt⁵: "intuição como vivência imediata de algo inexperienciável" (p. 76). Certeza de algo subjetivo.

Bergson⁶: "o intelecto não é capaz de penetrar a essência das coisas: é capaz apenas de apreender a forma matemática e mecânica da realidade, mas não seu núcleo e conteúdo íntimos. Só a intuição é capaz disso" (p. 76).

Dilthey⁷: "As totalidades psíquicas com que nos deparamos nas personalidades históricas só podem ser apreendidas emocionalmente, só podem ser conhecidas intuitivamente. A intuição é, assim, o verdadeiro órgão de conhecimento do historiador" (p. 77).

Husserl⁸: na fenomenologia o objeto é o ser-assim, a essência: "apreender por meio de uma visão imediata da essência" (p. 77), que é a percepção de algo dado, completo. Intuição racional.

Scheler⁹: intuição emocional, é o órgão do conhecimento dos valores. Os valores são apreendidos imediatamente pelo espírito, sendo vedados ao entendimento (percepção existente).

Ex: Deus como essência da natureza (algo existente e perceptível) e Deus cristão/religião (algo dado).

¹: 1848 – 1918, (Alemanha); ²: 1863 – 1936, (Alemanha); ³: 1869-1948, (Alemanha); ⁴: 1867 – 1937, (Alemanha); ⁵: 1848 – 1930, (Alemanha);

⁶: 1859 – 1941, (França); ⁷: 1833 – 1911, (Alemanha); ⁸: 1859, (Rep. Checa) – 1938, (Alemanha); ⁹: 1874 – 1928, (Alemanha);

3. Linha do tempo

Exclusivamente racional	Época	Aceita o conhecimento intuitivo
	427-347 a.C.	Platão
	205 - 270 d.C.	Plotino
	354 - 430 d.C.	Agostinho
Boaventura Escolástica	1218-1225	Tomás de Aquino
Espinosa e Leibnitz, Kant,	Idade Moderna	Descartes, Pascal, Melebranche, Hume,
	Século XVIII	Hutcheson
	Século XIX	Fichte, Schelling, Schopenhauer, Fries, Schleiermacher
Neokantianismo, Geyser,	Contemporâneos	Messer, Volkelt, Bergson, Dilthey, Husserl, Scheler

2. O correto e o incorreto do intuicionismo

“Reconhecer ou não a validade de um conhecimento intuitivo ao lado do racional e discursivo é algo que depende, sobretudo de como se pensa a respeito da essência do homem” (p.78).

HOMEM ➤ exclusivamente teórico ➤ função é pensar ➤ conhecimento racional como válido.

HOMEM ➤ Sentimento e vontade ➤ Discursivo-racional de conhecimento ➤ outra apreensão do objeto.

ao caráter multifacetado da realidade ➤ multiplicidade de funções de conhecimento

A primeira concepção é obviamente sinal de unilateralidade → postura de alheamento em relação ao mundo e à vida que é tantas vezes encontrada nos filósofos.

O filósofo, cuja função na vida é conhecer → **julgam os outros por si mesmo** → o homem como um ser cognoscente.

“Quem, ao contrário, se mantém sintonizado com a realidade concreta da vida, logo se convence de que o verdadeiro centro de gravidade do ser humano não está nas forças intelectuais, mas nas emocionais e volitivas” (p.78)

~~INTELECTO~~

SENTIMENTO E VONTADE

JOGO DE FORÇAS
VIDA

DILTHEY - volta-se energicamente contra os racionalismos e intelectualismos

“nas veias do sujeito cognoscente não corre sangue, mas o suco diluído da razão enquanto mera atividade mental” (p.78).

Colocou um conhecimento irracional-intuitivo ao lado do racional-discursivo.

“...levou-me a tomá-lo na multiplicidade de suas forças, enquanto ser que deseja, sente e representa, como base para a explicação do conhecimento e de seu conceito.” (p.78).

2. O correto e o incorreto do intuicionismo

Questiona:

Mas será que o reconhecimento da intuição não significa o fim de todo o conhecimento científico? Não significará a renúncia à validade universal e à demonstrabilidade que constituem a alma de todo conhecimento científico?(p.78)

Distinção entre o comportamento teórico e o prático.

TEÓRICO	PRÁTICO
A intuição é um meio de conhecimento autônomo, emparelhado ao conhecimento racional- discursivo.	Importância autônoma
O intelecto tem a palavra final.	Sentir e querer fazem a intuição ser o verdadeiro órgão do conhecimento
Toda intuição deve legitimar-se perante o tribunal da razão.	

Teoria do conhecimento

Comportamo-nos teoricamente

RAZÃO

“Toda filosofia científica teria chegado ao fim se quiséssemos, por exemplo, justificar o princípio de causalidade, segundo o qual todo fenômeno tem uma causa, dizendo que entre os conceitos de fenômeno e de causa existe um nexos de essência que vemos de modo imediato” (p.79).

Frente à intuição do ser-aí de Dilthey:

“devemos nos posicionar de modo completamente diverso. Ela não pertence ao campo teórico, mas ao campo prático. Como seres ativos e dotados de vontade, entramos em contato com a realidade e a vivenciamos nos obstáculos que nos opõe” (p.80)

Sob a observação de Schopenhauer: **“as pessoas que pretendem negar a existência do mundo exterior, nós simplesmente mandamos para o hospício” (p.80).**

Outro ponto relevante e ainda menos controverso que o conhecimento do mundo exterior é o conhecimento sobre a existência de nosso eu.

2. O correto e o incorreto do intuicionismo

Segundo **Descartes** vivenciamos imediatamente nossa própria existência. Em nosso pensar e em nosso querer, vivenciamo-nos como seres que realmente existem. Para ter certeza da própria existência, nenhuma inferência é necessária, apenas uma intuição simples de si mesmo (p.81).

Bergson: "Há pelo menos uma realidade que todos nós apreendemos a partir de dentro, por intuição e não por simples análise. É nossa própria pessoa em seu curso através do tempo. É nosso eu, que dura. Não somos capazes de co-vivenciar nenhuma outra coisa. Nosso próprio eu, porém, nós certamente vivenciamos" - Introdução à metafísica, 1912- (p. 81).

INTUIÇÃO

VALORES ESTÉTICO	ÉTICA	VALORES RELIGIOSOS
Valores estéticos não podem ser apreendidos discursivamente, por meio do entendimento, mas apenas intuitivamente, por meio do sentimento (p. 81).	avaliação das ações humanas a partir do predicado "bom" e a outro o predicado "mau", pela aplicação de um padrão de medida, de uma norma moral superior à ação em apreço, medindo, de certo modo, essa ação (p. 81).	Via racional e discursiva. Österreich observa o seguinte: "Onde quer que exista uma vida religiosa intensa, deparamos com a crença num contato imediato da consciência com Deus. O divino deixa de ser transcendente, penetra a esfera do imanente e passa a ser imediatamente experimentado, vivenciado" (p.82)
"Se não o sentirdes, não ireis capturá-lo" (p. 81).	Juízo ético de conhecimento racional-discursivo.	Aquele é um ser; este é, antes de mais nada, um valor. E, como qualquer valor, também o valor-Deus nos é dado exclusivamente na experiência interna (p.83).

3. O critério da verdade

O CONCEITO DE VERDADE

Como sabemos se um juízo é verdadeiro ou falso?

Para responder deve-se ter claro o conceito de **verdade**.

Conceito transcendente de verdade

Consciência natural: a verdade do conhecimento consiste na concordância do conteúdo do pensamento com o objeto.

Conceito imanente de verdade

A essência da verdade reside no interior do próprio pensamento. A verdade é a concordância do pensamento consigo mesmo. Não há objetos independentes do pensamento,

3. O critério da verdade

O CONCEITO DE VERDADE

Conceito imanente de verdade

Pode ser associado ponto de vista epistemológico que Eduard von Hartmann chama de "idealismo inconstituinte" – fenomenalismo.

Segundo o fenomenalismo, certamente existem objetos independentes do pensamento, coisas em si. Elas são, porém, completamente **incognoscíveis** (o que não se pode conhecer).

Mas se não se pode conhecer, não se pode falar a respeito.

3. O critério da verdade

O CONCEITO DE VERDADE

O conhecimento é uma reprodução ou uma produção do objeto?

Nem um nem outro. Ele deve ser apreensão de uma realidade não-dada que, no entanto, manifesta-se por meio do que é dado.

Nosso conhecimento é e continua sendo relativo aos objetos.

O conhecimento significa uma relação entre um sujeito e um objeto.

Verdade da consciência natural → é essencial a relação do conteúdo de pensamento com o objeto.

Essa relação certamente não significa uma reprodução, mas uma coordenação seguindo certas leis.

3. O critério da verdade

O conceito de verdade está ligado ao critério da verdade.

Não basta que um juízo seja verdadeiro; devemos nos assegurar de que ele é verdadeiro (através do critério/característica da verdade).

CONCEITO IMANENTE DE VERDADE	CONCEITO TRANSCENDENTE DE VERDADE
Conceito Idealista	Conceito Realista
<u>CRITÉRIO DE VERDADE:</u> Concordância do pensamento consigo mesmo (ausência de contradições).	<u>CRITÉRIO DE VERDADE:</u> Concordância do conteúdo do pensamento com o objeto. Autocerteza da consciência, evidência da percepção interna ou evidência imediata.
Aplicável apenas ao conhecimento em geral, no qual o pensamento lida com objetos pensados, ideais (não reais).	Aplicável a objetos reais ou reais para a consciência, conteúdos perceptivos.
O juízo é verdadeiro quando construído segundo leis e normas do pensamento.	O juízo é verdadeiro quando baseado no imediatismo do objeto a que o juízo se refere.
Ciências formais ou ideais (Lógica, Matemática).	Dados da consciência (aquilo que se vê ou se sente).
O critério de verdade não é universal.	O critério de verdade depende da evidência.

3. O critério da verdade

O critério da **evidência imediata** poderia valer para conteúdos de pensamento, além de valer para conteúdos perceptivos?

EVIDÊNCIA (Caso 1)	EVIDÊNCIA (Caso 2)
Irracional, relativa ao sentimento.	Racional, relativa ao entendimento.
Certeza imediata de caráter emocional.	Inspeção imediata dos fatos objetivos.
É algo psicológica/subjetiva (presente no conhecimento intuitivo)	É lógica/objetiva.
Apenas pode ser pessoalmente vivenciada (certeza intuitiva).	Existe a necessidade de distinguir no interior da evidência lógica ou objetiva o verdadeiro do falso, o real do aparente. Há o abandono da evidência como critério efetivo e último de verdade, precisa de outro critério para tal conclusão.



Esse tipo de evidência não pode ser apresentado como critério de verdade no campo do conhecimento científico e teórico. E **não pode pretender validade universal.**



Muitos epistemólogos sustentam que a evidência é um critério de verdade no campo teórico, encarando a evidência como lógica por oposição à subjetiva, mas essa diferenciação **não cumpre seus objetivos.**

3. O critério da verdade

Todo conhecimento científico deve possuir validade universal.

Existe evidência no campo do pensamento, mas a evidência é a maneira pela qual aquilo que é de natureza lógica se faz valer na consciência. E não pode ser encarada como o verdadeiro fundamento de validade desses juízos.

O fundamento lógico desses juízos não reside na evidência, mas nas **leis lógicas do pensamento**. Estas leis são fundamentadas por si mesmas, nelas revela-se a estrutura, a essência do pensamento.

Existem ainda princípios do conhecimento que não se deixam reduzir às leis a lógicas do pensamento, como o **princípio da causalidade**, que tem uma fundamentação não assentada em sua evidência, mas em sua **finalidade e significação** com relação ao conhecimento.

REFERÊNCIA

HESSEN, J. **Teoria do conhecimento**. Tradução de João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 116 pg.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 : Johannes Hessen . Disponível em:

http://3.bp.blogspot.com/_89HQSQbna3o/S3WpDSQqqyI/AAAAAAAAAC4/2li9zs2MJQg/s320/johannes-hessen-3.jpg Acesso em 09/10/2012.